

## **“Bioética Global” de Potter: ponte para o futuro ou pinguela para o passado?**

"Global Bioethics" by Potter: bridge to the future or plunge into the past?

Carlos Dimas Ribeiro <sup>a</sup>

### **Resumo**

O objetivo desse artigo é refletir sobre a “Bioética Global” de Potter, em particular sua concepção da relação entre os seres humanos e a natureza. Num primeiro momento, é feita uma breve apresentação e se discute algumas críticas sobre a “Bioética Global”. Serão abordadas três das pontes que essa perspectiva pretende construir: *ponte entre ciências e valores*, *ponte entre ser humano e natureza* e *ponte entre saúde individual e saúde do ecossistema*. Num segundo momento, defende-se uma abordagem bioética alternativa da relação entre os seres humanos e a natureza, estabelecendo um diálogo entre, por um lado, o pensamento marxista, em particular sua ontologia da espécie humana, e, por outro, a Perspectiva dos Funcionamentos, como concepção ética.

**Palavras-chaves:** Bioética. Humanos. Natureza. Capitalismo.

### **Abstract**

The purpose of this article is to reflect on Potter’s “Global Bioethics”, in particular his conception of the relationship between humans and nature. At first, a brief presentation is made and some criticisms about “Global Bioethics” are discussed. Three of the bridges that this perspective intends to construct will be addressed: *bridge between sciences and values*, *bridge between human being and nature* and *bridge between individual health and health of the ecosystem*. Secondly, an alternative bioethical approach to the relationship between human beings and nature is advocated, establishing a dialogue between, on the one hand, Marxist

<sup>a</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Saúde Coletiva, Departamento de Planejamento em Saúde, Niterói, Brasil  
Autor Correspondente: Carlos Dimas Ribeiro  
E-mail: [dimasmribeiro@gmail.com](mailto:dimasmribeiro@gmail.com)

thought, in particular its ontology of the human species, and, on the other hand, the Perspective of Functionings, as an ethical conception.

## **Introdução**

Em muitas narrativas da origem da bioética, são normalmente mencionados dois marcos fundamentais, representando duas correntes do pensamento bioético <sup>1</sup>. O primeiro é a publicação do livro “*Bioethics: bridge to the future*”, do oncologista Van Rensselaer Potter, publicado em 1970. Potter propõe uma bioética compreendida como uma ponte entre as ciências naturais e as ciências sociais e as humanidades, entre elas a ética, que permita incorporar os valores aos conhecimentos científicos e, dessa forma, guiar os seres humanos em suas relações com a natureza, para garantir a sobrevivência humana e a qualidade de vida.

O segundo é a criação do “*Kennedy Institute for the Study of Human Reproduction and Bioethics*”, por André Hellegers, em 1971. Essa perspectiva propunha uma bioética biomédica, restringindo seu âmbito à análise dos problemas morais relativos à clínica médica e a pesquisa biomédica. Seu objetivo é buscar soluções para os conflitos éticos que surgem na relação entre os profissionais de saúde e os pacientes e entre os pesquisadores e os sujeitos de pesquisa. Essa corrente de pensamento tem sua primeira formulação expressa no livro “*Princípios de ética biomédica*” <sup>2</sup> de Beauchamp e Childress, cuja primeira versão foi publicada em 1979.

No entanto, um núcleo comum une essas abordagens, pois as duas centram suas preocupações morais nos seres humanos, embora a perspectiva de Potter pretenda ser mais abrangente (e por isso a utilização do termo “global”), contemplando a relação do gênero humano com o globo terrestre, enquanto o principlismo de Beauchamp e Childress concentra-se na relação dos profissionais de saúde com os pacientes ou pesquisadores com os sujeitos de pesquisa. Mas se compreendermos a bioética de forma mais abrangente, devemos incluir em seu escopo, duas áreas, a ética animal e a ética ambiental, que se desenvolveram de forma mais ou menos independente das correntes de pensamento bioético mencionadas acima.

O objetivo desse artigo é refletir sobre a “Bioética Global” de Potter e propor uma abordagem alternativa para pensar a relação entre os seres humanos e a natureza. Na primeira seção será feita breve apresentação da “Bioética Global” e, em seguida, discutirei algumas críticas a essa perspectiva bioética. Na segunda seção, defenderei outra concepção, considerada mais inclusiva, porque adota uma comunidade moral mais abrangente, incorporando outros seres vivos, além dos seres humanos.

## **“Bioética Global” de Potter**

### ***Breve apresentação***

Nessa exposição da “Bioética Global” de Potter, estou considerando, em seu conjunto, os livros “*Bioethics: bridge to the future*” e “*Global bioethics: building on the Leopold legacy*”, publicados em 1971 e 1988, respectivamente <sup>3,4</sup>. O objetivo é apresentar, nos seus elementos fundamentais, a abordagem bioética proposta por Potter, sem me deter nas diferenças entre os dois trabalhos. No escopo desse artigo, a análise dessa perspectiva se limitou unicamente a esses dois trabalhos, de grande repercussão no campo da bioética e representativos da visão de Potter. Trata-se, portanto, de uma análise certamente restrita, mas espero que possa contribuir para uma reflexão crítica da “Bioética Global”.

O autor compreende a “Bioética Global” como uma “ciência da sobrevivência”, que forneça o “conhecimento de como usar o conhecimento para a sobrevivência humana e para o melhoramento da qualidade de vida” <sup>5</sup>. Na visão de Potter, é uma construção interdisciplinar que articula as ciências biológicas e as ciências sociais e humanas, particularmente a ética.

Trata-se de numa moralidade secular que se expressa na forma de um “credo”, na expressão do Potter, que inclui cinco compromissos pessoais, dos quais destaco os seguintes <sup>3</sup>: 1) o compromisso para a união em um movimento mundial pela sobrevivência e o desenvolvimento da espécie humana, tanto cultural quanto biológico, em harmonia com o ambiente natural, para permitir as condições de vida das futuras gerações; 2) o compromisso de ajudar os semelhantes para eliminar todo sofrimento desnecessário; 3) o compromisso de

adotar um modo de viver que beneficie os demais seres humanos, pressupondo a fraternidade humana e uma postura de veneração da vida, embora considerando a morte como constitutiva da vida. Nessa visão, a espécie humana não pode sobreviver sem *a capacidade para ver, sentir, entender, amar ou de outro modo ter fé na comunidade da terra*, conforme apregoa Aldo Leopold, citado por Potter <sup>6</sup>.

Para Potter, a bioética tem dois tipos de aplicação – a bioética médica e a bioética ecológica, que se movimentam para direções opostas <sup>4</sup>. A primeira para a saúde e sobrevivência individual, podendo resultar em um cenário de aumento da fertilidade e expansão da população. A segunda para a saúde do ecossistema e sobrevivência da espécie, levando ao controle da fertilidade e limitação do crescimento populacional. A “Bioética Global” pretende unificar essas duas perspectivas, capaz de resolver um conjunto inter-relacionado de problemas individuais, populacionais e sociais, mediante o controle da fertilidade humana e a estabilidade da população mundial, promovendo uma sobrevivência aceitável.

Potter pretende fundamentar suas concepções num realismo sobre a natureza dos seres humanos e do mundo em que vivem. Os seres humanos são compreendidos como *máquina cibernética de processar informação*, para a tomada de decisões, na relação com o ambiente, de modo que sistemas de valores são construídos <sup>7</sup>. A história do gênero humano é pensada como *a combinação de evolução biológica e cultural, em que a seleção natural é o método pelo qual a informação de sobrevivência no ambiente é armazenada no genoma, através do DNA, e na cultura, mediante as ideias* <sup>8</sup>.

A Terra é entendida como um *sistema ecológico equilibrado*, que incluem as plantas, os animais e o meio-ambiente natural, além dos seres humanos <sup>9</sup>. Para manter esse equilíbrio, existem processos de regulação da reprodução das espécies vivas que, caso não estejam operando de forma satisfatória, podem levar à proliferação desequilibrada de algumas espécies. Potter argumenta que a sobrevivência da espécie humana depende da capacidade do ecossistema recuperar-se da violência que se exerce sobre ele no curso da exploração econômica da natureza, necessária para garantir a sobrevivência dos seres humanos, num processo de crescimento populacional descontrolado <sup>4</sup>. Torna-se indispensável colocar o número dos seres humanos dentro dos limites de

densidade da população humana suportáveis pelo ecossistema, num crescimento demográfico zero, se não quisermos que o mundo caminhe cada vez mais para a poluição e a pobreza.

Em relação à saúde humana, Potter propõe uma concepção mais abrangente do que a saúde vegetativa, denominada “saúde pessoal”, assumida por *uma pessoa responsável, cognitiva, senciente, que é ativa em manter ou melhorar sua própria condição mental e física* <sup>10</sup>. *Uma pessoa que assume a responsabilidade para a sua própria saúde, incluindo sua atividade sexual e reprodutiva* <sup>11</sup>.

Potter propõe um conjunto de normas ou regras para o comprometimento bioético para a saúde pessoal e familiar <sup>4</sup>: 1) evitar adição e abuso de drogas; 2) conceder atenção para dieta e exercício; 3) evitar doenças sexualmente transmitida em decorrência de promiscuidade sexual; 4) dirigir cuidadosamente e legalmente; 5) evitar gravidez indesejável resultante do descuido ou da não utilização dos contraceptivos; 6) evitar a exposição à produtos químicos e radiação desnecessária; 7) procurar serviços médicos sempre que necessário, dentro de alguma modalidade de seguro saúde; 8) apoiar os governos nacionais e locais e as instituições privadas que promovam políticas que facilitem a adoção das regras acima.

A concepção de progresso adotado por Potter é fruto da herança judaico-cristã, que enfatiza igualmente o indivíduo e a sociedade, colocando a liberdade individual como seu objetivo fundamental <sup>3</sup>. Para tanto, a “ciência da biocibernética” deve determinar a população humana mundial e um padrão de vida ideais, que possam ser absorvidos pelo ecossistema <sup>9</sup>. Ela pode unir a economia e ecologia, colocando a sobrevivência dos seres humanos como o conceito fundamental para realizar a síntese entre os dois campos.

Potter lista alguns pontos que constituem um “ambiente ideal” e que devem ser promovidos pela sociedade para cada indivíduo, entre os quais destaque: 1) *necessidades básicas que podem ser satisfeitas pelo esforço*; 2) *liberdade dos produtos químicos tóxicos, dos trauma desnecessário principalmente lesões de guerra e de trânsito, e das doença evitáveis*; 3) *cultura que prepare os indivíduos para respostas adaptativas*; 4) *felicidade e identidade individual*; e 5) *produtividade que envolve compromisso com os outros membros da sociedade* <sup>12</sup>. Entre as necessidades básicas, Potter cita *comida, abrigo,*

*vestuário, espaço, privacidade, lazer e educação, tanto moral quanto intelectual*  
12.

### ***Crítica à “Bioética Global”***

Organizei essas notas críticas utilizando da metáfora da ponte, lembrando que o termo “global” denota uma abordagem bioética “abrangente”, que considere os problemas do globo terrestre. Tomarei o termo “abrangente” não somente em termos dos problemas bioéticos que se deseja enfrentar, e dos conhecimentos de que dispomos para superá-los, mas também em relação aos concernidos morais abarcados por essa perspectiva bioética. Quanto às pontes, discutirei a ponte entre ciências e valores, a ponte entre ser humano e natureza, a ponte entre saúde individual e saúde do ecossistema.

Para transpassar a *ponte entre fatos e valores*, a “Bioética Global” pretende constituir uma “ciência da sobrevivência” humana capaz de estabelecer uma ponte entre as ciências biológicas, por um lado, e as ciências sociais e humanas, por outro, mais particularmente a ética. O gênero humano é compreendido como máquina cibernética que, na relação com o ambiente, processa informação e toma decisões, constituindo-se historicamente como resultado da combinação de evolução biológica e cultural.

A “Bioética Global” toma como ponto de partida uma descrição reducionista dos seres humanos, para uma abordagem que se pretende abrangente. A visão do gênero humano como máquina cibernética bio-cultural não captura a complexidade da realidade humana, além de identificar os processos biológicos com os processos culturais, reduzindo tudo ao método da seleção natural. A economia e a política não jogam nenhuma função no desenvolvimento histórico dos seres humanos, nem tão pouco na compreensão da origem da situação em que vivem. Contudo, essas esferas da prática humana, são fundamentais se quisermos ser realistas e ter um entendimento abrangente dos fatos moralmente relevantes. A exclusão da economia, em particular, significa desconsiderar as relações entre o modo de produção capitalista – que opera hegemonicamente com vistas à valorização do capital – e a degradação humana e do meio ambiente, expressa, entre outros problemas, na pobreza e na poluição.

*A ponte entre ser humano e natureza* é atravessada pressupondo-se a Terra como um ecossistema que, além da espécie humana, inclui outros seres, cujo equilíbrio depende de processos de regulação da reprodução das espécies. A espécie humana somente pode sobreviver se for capaz de recuperar o ecossistema, controlando a reprodução humana para manter a densidade populacional dentro de determinados limites. O esgotamento ambiental e aumento da pobreza é fruto da falência desse controle.

Dois reducionismos devem ser apontados, em relação à ponte que a “Bioética Global” pretende traçar entre os seres humanos e a natureza.

O primeiro, de natureza normativa, é que, a despeito de Potter exortar a todos a amar ou ter fé na comunidade da Terra, são os seres humanos os concernidos morais da “Bioética Global”. Os outros seres vivos e o ambiente em seu conjunto são valorizados na medida em que foram criados por Deus, para satisfazer as necessidades humanas. São seus interesses que devem se sobrepor aos interesses dos outros seres vivos, em nome da sobrevivência humana como objetivo supremo, mantidas as condições para a reprodução do sistema capitalista, movido pela expansão dos lucros.

Nesse aspecto, vale a pena apresentar, mesmo que sucintamente, a ética utilitarista de Peter Singer, expresso no livro “Libertação animal”, publicado em 1975, mais ou menos na mesma época da publicação do livro de Potter<sup>13</sup>. Trata-se de uma perspectiva mais “abrangente” porque amplia o universo dos concernidos morais para incluir os interesses básicos de outros seres vivos, além dos seres humanos, realizando de modo mais satisfatório a pretensão de universalidade própria da ética. A perspectiva de Singer rejeita o antropocentrismo inerente aos marcos analíticos propostos por Potter.

Para Singer, o princípio moral básico da igualdade requer levar em consideração os interesses básicos de um ser vivo senciente, capaz de sofrer, sentir dor e de sentir prazer, não importando a natureza desse ser vivo, se humano ou não humano. Singer denomina especismo as atitudes tendenciosas de alguém que permite que os interesses menos fundamentais de sua própria espécie se sobreponham aos interesses básicos dos membros de outras espécies – como não ser submetido à dor e ao sofrimento –, da mesma maneira que o racismo confere mais peso aos interesses dos indivíduos pertencentes a

determinada etnia e o sexismo favorece os interesses dos indivíduos de um dos sexos.

A concepção de que os “seres humanos vêm em primeiro lugar”, tem feito com que os seres vivos não-humanos sejam tratados como meras coisas ou objetos, utilizados para fins não essenciais, seja em relação ao uso para vestimentas, cosméticos, alimentação e pesquisas <sup>14</sup>. Preocupações que nem de longe aparece na “Bioética Global” que, de forma geral, endossa acriticamente as pesquisas científicas, especialmente na biologia e medicina, particularmente criticadas por Singer, pela sua utilização dos seres vivos não humanos.

Nesse caso, Singer observa que muitas vezes os objetivos que se pretende alcançar com as investigações não são relevantes ou urgentes, considerando a amplitude do sofrimento infligido aos seres vivos não-humanos. Na avaliação desse autor, a experimentação animal, apesar de seus resultados serem questionáveis, cientificamente e eticamente, mantém-se como o método de investigação hegemônico, porque os pesquisadores são financiados por empresas que lucram com a produção e venda de equipamentos e cobaias, e porque são apoiados com recursos públicos e submetidos aos incentivos relativos às publicações, promoções, prêmios e bolsas de pesquisa.

Os conhecimentos obtidos com a experimentação animal são questionáveis porque, na avaliação de Singer, não produziram contribuição significativa para o aumento da expectativa de vida dos indivíduos humanos, sem mencionar a melhoria de sua qualidade de vida, muito mais difícil de estimar. Deve-se lembrar que os principais problemas de saúde persistem, não por falta de conhecimento de como prevenir as doenças ou manter os seres humanos saudáveis, mas porque não se destinam recursos suficientes para investir em condições sanitárias e cuidados em saúde adequados para todos. Ressalta-se que não podemos avaliar o quanto a pesquisa biológica e médica seria bem-sucedida se métodos alternativos de investigação tivessem sido utilizados desde seus primórdios.

O segundo reducionismo, de natureza descritiva, é que Potter elege a biocibernética com a ciência que deve estabelecer a população humana ideal – em termos da densidade populacional e do seu padrão de vida –, que seja suportável para um ecossistema saudável. Acredita-se que com base nela uma



ponte pode ser construída entre economia e ecologia, oferecendo os conhecimentos indispensáveis para a resolução dos conflitos bioéticos entre crescimento econômico e qualidade do ambiente ou entre benefícios econômicos e riscos ambientais. Sem entrar nas potencialidades dessa ciência para cumprir esse papel, o que fugiria do objetivo desse trabalho, basta mencionar que as ciências sociais terminam sendo postas de lado diante dos conhecimentos biológicos, na abordagem dos problemas bioéticos.

Parece que Potter, como Malthus, transforma, erroneamente, os limites para a reprodução humana, impostos pelas condições naturais, como restrições imanentes à natureza ou leis naturais da reprodução dos seres humanos, historicamente não modificáveis <sup>15</sup>. As condições para a reprodução humana emergem, de modo diferente, nos diversos momentos históricos e formações sociais, em função do modo em que a sociedade se apropria da natureza, mediante o trabalho, para produzir os bens que satisfazem as necessidades humanas e permitam sua reprodução.

O problema da superpopulação relaciona-se com um modo de produção específico, ocupando uma condição indispensável, dentro do sistema capitalista. Esta população excedente ou supérflua às necessidades médias de valorização do capital, denominada “exército industrial de reserva” por Marx, exerce, devido à concorrência, uma pressão sobre a população trabalhadora ativa, que se submete aos ditames do capital, aceitando os baixos salários e o sobretrabalho, imposto pelo aumento da jornada e da intensificação do trabalho <sup>16</sup>.

Opera-se uma “exclusão por inclusão” a serviço da ampliação do capital <sup>17</sup>. Exclusão por inclusão porque os trabalhadores ativos são incorporados na medida em que são despossuídos dos meios de trabalho e de sobrevivência, que estão sobre o controle da burguesia detentora desses meios. E porque o excluído, o exército industrial de reserva que se cria, é incluído no sentido de que cumpre função essencial na própria dinâmica do capital, na medida em que mantém a oferta de mão de obra para os períodos de expansão capitalista e permite aos capitalistas pressionar os trabalhadores ativos, em virtude da concorrência, aprofundando as condições de exploração. Os tormentos do trabalho e da pobreza, daqueles que têm que se submeter a essas condições e dos que compõem a população supérflua, estão estreitamente vinculados.

Finalmente, com a *ponte entre saúde individual e saúde do ecossistema*, pretende-se articular a ética médica com a bioética ecológica, de modo a unificar os objetivos da sobrevivência individual e da espécie, com o controle da fertilidade humana e a estabilidade da população mundial. A “Bioética Global” defende uma visão de progresso que pretende enfatizar igualmente os indivíduos e a sociedade, elegendo a liberdade individual como seu objetivo supremo.

Trata-se de abordagem liberal da bioética que parece implicitamente pressupor que é possível superar os problemas da saúde do ecossistema e os individuais, mediante os compromissos e ações pessoais, mesmo em sociedades capitalistas – que operam regidas pela expansão do capital, pela produção de mercadorias e pela busca do lucro. Nesses contextos, a liberdade individual é permanentemente negada, sobretudo em relação àqueles que não têm suas condições de reprodução garantidas. Parece pouco realista supor que os conflitos de classes decorrentes dessa situação possam ser deixados de lado na superação dos problemas que temos que enfrentar.

De uma forma ou de outra, a “Bioética Global” adota a premissa de que “não há alternativa” ao capitalismo, e o que nos resta é humanizá-lo, mas não suplantá-lo. Evidentemente, não pode existir um discurso moral significativo baseado em tais *slogans*, porque a ética se ocupa, justamente, das finalidades alternativas que os grupos sociais e os indivíduos realmente podem definir e realizar para si próprios, na superação dos problemas que se deparam em suas vidas. Diante do estreitamento das margens de escolhas permitidas pelo capitalismo, com o aprofundamento de sua destrutividade humana e ambiental, a busca de alternativas para a sociabilidade humana torna-se questão bastante aguda e premente <sup>18</sup>.

A natureza liberal da abordagem aparece explicitamente, por exemplo, no âmbito da saúde individual, em que se propõe um “ambiente ideal”, que deve ser promovido pela sociedade, onde os indivíduos possam satisfazer suas necessidades básicas por seu próprio esforço e sejam livres de produtos químicos tóxicos, traumas desnecessários e doenças evitáveis. Trata-se de indivíduos que buscam ativamente a manutenção de sua própria saúde, procurando os serviços de saúde regularmente para cuidar da sua saúde. São indivíduos responsáveis pela sua própria saúde.

O grupo dos seres humanos que a “Bioética Global” está particularmente preocupado parece ser aqueles que podem exercer a liberdade ou capacidade de autodeterminar-se ou determinar as suas ações, refletindo e escolhendo entre projetos de vida alternativos. Mas, evidentemente, nos relacionamos com muitos indivíduos humanos que não podem, temporária ou definitivamente, exercer a liberdade, como é o caso, por exemplo, dos recém-nascidos, idosos com demência grave e indivíduos com transtornos mentais graves. A “Bioética Global” parece implicitamente restringe o âmbito dos concernidos morais àqueles que podem exercer a liberdade. Contudo, universo dos concernidos morais é sempre maior do que os indivíduos humanos que são capazes de exercer a liberdade, e seus interesses devem ser levados em consideração nas nossas decisões e ações, independentes de poderem ser expresso pelo próprio indivíduo <sup>19</sup>.

Deixe-me agora discutir uma concepção alternativa para pensar a relação entre seres humanos e natureza, em determinada abordagem ética, com importantes repercussões no enfrentamento dos problemas sociais e ecológicos. Penso que a colocação dessa visão, lado a lado com a “Bioética Global”, com sua pretensão de abrangência expressa na metáfora das pontes, pode contribuir para tornar mais visíveis seus reducionismos.

## **Por uma bioética crítica e inclusiva**

Nessa seção será discutida uma abordagem alternativa para a bioética, considerando a relação dos seres humanos com a natureza, fruto do diálogo entre o pensamento marxista e a Perspectiva dos Funcionamentos, proposta por Dias <sup>20</sup>. Essa abordagem foi desenvolvida mais profundamente em outro trabalho e não cabe discuti-la aqui em todos os pormenores, mas apenas extrair aqueles elementos que são fundamentais para pensar a relação entre os seres humanos e a natureza <sup>21</sup>. Inicialmente será feita uma caracterização geral de uma ontologia marxista do gênero humano para, em seguida, discutir a abordagem bioética proposta.

### ***Concepção ontológica da espécie humana***

Dentro da abordagem ética aqui defendida, a espécie humana é caracterizada como ser vivo natural, social e histórico, e se distingue de outros seres vivos por sua atividade vital específica, o trabalho livre, consciente e criativo <sup>22</sup>.

Em primeiro lugar, é um ser natural, isto é, corporal, orgânico e objetivo <sup>23</sup>. É um ser corporal porque dotado de forças, poderes ou capacidades, que existem enquanto potencialidades que podem ou não ser efetivadas objetivamente no mundo, desenvolvendo-se e exercendo-se <sup>24</sup>. Trata-se de um ser vivo que tem natureza processual, sujeito às mudanças e aberto para o mundo externo, numa relação em que novas capacidades podem ser ativadas. Pode-se pensar o corpo vivo em termos de uma interseção, expressando um agregado de capacidades influenciado por forças externas.

É um ser-orgânico porque faz parte da natureza, estabelecendo um metabolismo do qual extrai os objetos de que precisa para viver. Trata-se de um ser que têm uma dimensão orgânica interna e uma dimensão inorgânica externa, tão intimamente vinculadas e profundamente dependentes uma da outra que não podem ser vistas como separadas. Toda a natureza, como corpo inorgânico dos seres humanos, tem seus próprios processos, pode entrar em conflito com os propósitos humanos, embora possua as matérias e energias indispensáveis para a satisfação das necessidades humanas <sup>23</sup>.

É um ser objetivo porque somente pode existir mediante os objetos do qual depende para satisfazer suas necessidades. Os seres humanos existem num mundo constituído por objetos, de modo que *usam objetos, afetam objetos e são afetados pelos objetos* <sup>25</sup>. Como seres vivos procuram realizar seu potencial de capacidades, engajando-se num movimento para a unificação de seu ser corporal e os objetos necessários para a sua realização. Sua individualidade reside na combinação singular de uma rede de interações constitutiva com os objetos, mas também com outros seres vivos.

Em segundo lugar, é um ser social porque os indivíduos humanos somente podem efetivar sua natureza, participando das relações e práticas sociais específica de uma dada sociedade, por meio das quais suas capacidades são desenvolvidas e suas necessidades satisfeitas. Eles são capazes de ação cooperativa, desenvolvendo a atividade produtiva necessária à reprodução da vida humana, para que cada indivíduo possa viver uma vida plena <sup>26</sup>.

Finalmente, em terceiro lugar, é um ser histórico, no sentido de que, no metabolismo entre os seres humanos e a natureza, ambos os polos entram em um processo de transformação e desenvolvimento inter-relacionados <sup>26</sup>. Este processo provoca uma modificação e desenvolvimento da natureza humana em suas diversas dimensões, alterando e ampliando suas necessidades e capacidades, que retroativamente gera novos poderes produtivos para a reprodução da vida humana. Além disso, também intervém no desenvolvimento histórico a procriação dos seres humanos que, com o crescimento da população e a ampliação das relações sociais, criam novas necessidades e aumentam aquelas existentes anteriormente.

### ***Metabolismo do gênero humano com a natureza***

De modo geral, podemos definir “metabolismo” como os processos de regulação que governam o complexo intercâmbio que o organismo vivo estabelece com seu ambiente, envolvendo troca de materiais e energias. Esse metabolismo *constitui a base sobre a qual a rede complexa de interações necessária para a vida é sustentada* <sup>27</sup> e a realização do ser vivo torna-se possível.

No caso dos indivíduos humanos, esse metabolismo é mediado pelo trabalho – condição universal e permanente para a existência humana –, em virtude do qual eles se apropriam da natureza para satisfazer suas necessidades e exercer suas capacidades, transformando a natureza, o mundo e a si próprios. Marx empregou esse termo para caracterizar o contínuo círculo entre natureza e sociedade, que expressa a dinâmica e complexa interdependência entre eles, numa relação que incorpora *condições impostas pela natureza e a capacidade dos seres humanos afetarem esse processo* <sup>28</sup>. Marx leva em consideração que tanto o trabalho humano quanto a natureza são fonte de riqueza material, desde que a produção de objetos ou valores de uso que satisfazem as necessidades consistem de materiais naturais modificados pelo trabalho.

Trata-se do conceito de metabolismo social que incorpora ao mesmo tempo significados social e ecológico, compreendendo-se que as relações entre os seres humanos dependem de suas relações com a natureza, e essas relações configuram a sociedade num determinado momento histórico, em

particular um determinado modo de apropriação da natureza por meio do trabalho <sup>29</sup>. O gênero humano é parte da natureza e vive da natureza, devendo converter a sociedade humana numa *unidade essencial completada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza* <sup>30</sup> para manter com ela diálogo constante, não somente para não perecer, mas também para que outros seres possam florescer.

Uma característica central dos seres humanos é sua vulnerabilidade, expressa no seu caráter de ser vivo depende dos objetos externos, indispensáveis para a realização de sua existência <sup>23</sup>. Trata-se de uma relação entre os objetos e os indivíduos humanos que pode ser caracterizada por uma profunda interpenetração, de forma a provocar uma transformação nos dois polos da relação.

### ***Por uma bioética mais inclusiva***

A descrição ontológica da espécie humana apresentada é compatível com a caracterização dos concernidos morais feita pela Perspectiva dos Funcionamentos, entendidos como sistemas funcionais vivos. Concernidos morais compreendidos como aqueles que são objeto de nossa preocupação moral. Sistemas funcionais no sentido de que são dotados de um agrupamento de funcionamentos inter-relacionados, mais ou menos complexos, que os constituem <sup>19</sup>. Incluem-se o conjunto dos sistemas funcionais vivos que compõem a natureza, como o reino vegetal, os animais não-humanos e os seres humanos. Trata-se de uma maneira de descrever os concernidos morais que é empírica, fruto da experiência cotidiana e das pesquisas científica, a partir das quais os funcionamentos podem ser conhecidos.

Funcionamentos são entendidos como forças, poderes ou capacidades para exercer uma determinada atividade, que requer complementarmente os objetos externos sobre os quais os sistemas funcionais vivos agem, com vistas a transformá-los para satisfazer suas necessidades. Um sistema funcional vivo, com a totalidade de seus funcionamentos e objetos necessários à sua existência, constitui uma unidade complexa e dinâmica <sup>21</sup>. Cita-se, a título de exemplo, a capacidade de voar, capacidade de respirar, capacidade de pensar e capacidade

de expressão artística, entre uma diversidade de funcionamentos característicos dos vários sistemas funcionais vivos.

No caso dos indivíduos humanos, trata-se de sistemas funcionais bio-socio-históricos, conforme caracterizado na seção anterior, cuja atividade vital distintiva é o trabalho. Esse precisa, para sua realização, da força de trabalho, por um lado, e dos meios do trabalho (instrumentos de trabalho e matérias-primas), por outro. A força de trabalho pode ser entendida como um funcionamento que precisa dos meios do trabalho para se objetivar. Da mesma maneira, para que um indivíduo humano possa exercer a capacidade de se nutrir, ele deve ter acesso aos alimentos necessários para o exercício desse funcionamento.

Para que os sistemas funcionais vivos possam existir adequadamente, entre eles os seres humanos, é necessário que exista um ambiente que propicie as condições para que possa exercer seus funcionamentos constitutivos, se apropriando dos objetos necessários para sua realização. Cada um desses sistemas funcionais vivos tem um determinado modo de vida que permite o exercício mais adequado dos seus funcionamentos. O modo de vida que caracteriza os indivíduos humanos deve ser visto de forma complexa e multidimensional, enquanto um modo de produção da vida que ofereça as condições para o exercício de um conjunto amplo e variado de funcionamentos agrupados em diversas esferas humanas fundamentais, passando pelos vários momentos de seu círculo de existência (nascimento, infância, adolescência, fase adulta, velhice e morte) <sup>21</sup>.

Dada essa maneira de caracterizar os concernidos morais, a abordagem ética da Perspectiva dos Funcionamentos requer o florescimento dos diferentes sistemas funcionais vivos que compõem a natureza, promovendo seus funcionamentos dentro de um modo de vida adequado. A comunidade moral inclui não somente a espécie humana, mas também outros seres vivos e o meio-ambiente, considerando os efeitos de nossas decisões e ações nos diversos sistemas vivos <sup>19</sup>. Não se estabelece uma hierarquia moral prévia entre os sistemas funcionais vivos. Os conflitos éticos que certamente surgem devem ser resolvidos no âmbito dos casos concretos, considerando os interesses e valores em jogo.

Essa ampliação dos concernidos morais, exigindo o mesmo respeito que atribuímos aos seres humanos para outros seres vivos, não parece um problema se considerarmos que, historicamente, temos feito essa expansão. Não somente no interior do gênero humano, com a inclusão das mulheres, por exemplo, mas também incorporando outros seres vivos, vistos como um fim em si mesmo e não meramente como meio para as finalidades humanas. Essa visão não é estranha ao pensamento de Marx, se for correta a observação de Foster de que, sobre a influência de Darwin, Marx repudia a concepção que coloca os *seres humanos no centro do universo natural* <sup>31</sup>.

Nas avaliações das situações concretas, deve-se considerar três planos analíticos, a generalidade, a parcialidade e a singularidade. Os indivíduos humanos são sistemas bio-sócio-históricos, na generalidade descrita anteriormente, que se realizam de forma particular nas sociedades específicas, com os seus diferentes grupos sociais, e se expressam num indivíduo singular. Os funcionamentos e os modos de lidar com eles variam conforme os contextos específicos.

Para os seres humanos – entendidos como seres ricos em necessidades e capacidades -, deve-se promover um conjunto complexo e interativo de funcionamentos, com vistas à realização de uma vida digna. Nesse sentido, devem ser incluídos diversos funcionamentos, tais como a capacidade de se manter saudável, a capacidade de trabalhar, a capacidade de aprender e ensinar, a capacidade de se divertir, entre outros funcionamentos que constituem a qualidade vida dos indivíduos humanos. A capacidade de se manter saudável, por outro lado, seria uma metacapacidade composta por um conjunto de funcionamentos como a capacidade de respirar, a capacidade de se nutrir, a capacidade de se locomover, a capacidade de se abrigar, a capacidades de se cuidar, a capacidade de se reproduzir etc <sup>21</sup>.

Deve-se incluir a totalidade dos funcionamentos que foram ativados e desenvolvidos por todo um trabalho de “enriquecimento da essência humana” no transcurso da história <sup>32</sup>. Não significa meramente promover as chamadas “capacidades superiores”, tais como a liberdade e racionalidade, com a repressão das ditas “capacidades inferiores”, como a sensibilidade corporal <sup>33</sup>. Deve-se compreender que *os sentidos humanos estão interligados não apenas uns com os outros, mas também cada um deles com todas as outras potências*



*humanas* <sup>34</sup>. Devemos considerar diferentes tipos de funcionamentos, dos mais complexos aos mais elementares, não estabelecendo hierarquia prévia entre eles, que depende da singularidade dos indivíduos e da particularidade dos contextos, para serem promovidos.

### ***Fratura metabólica entre os seres humanos e a natureza***

No capitalismo – caracterizado basicamente pela propriedade dos meios de produção, o trabalho assalariado, a produção de mercadorias e o mercado mundial –, as sociedades são governadas hegemonicamente pela valorização do capital e a produção de mercadorias (o que pode ser vendido e comprado, para a obtenção do lucro), que não precisa estar em conformidade com a satisfação das necessidades humanas.

Nesse contexto, observa-se a tendência, por um lado, para a exploração completa do globo terrestre, na busca de novos objetos úteis e novas propriedades utilizáveis de objetos antigos e, por outro, para o cultivo das capacidades dos indivíduos humanos, seja para ser objeto de consumo ou meio de produção. Promove-se o desenvolvimento das ciências, mas sobre a base de um “sistema da utilidade universal”, no qual a natureza torna-se objeto para seres humanos, deixando de ser reconhecida como um valor em si, fora do círculo da produção e das trocas mercantis <sup>35</sup>.

Em escala planetária, observa-se o processo de exploração que tem levado ao *esgotamento das duas fontes de onde brota toda a riqueza: a terra e o trabalhador* <sup>36</sup>, lembrando expressão de Marx. A ampliação dos funcionamentos e necessidades humanas, fruto do desenvolvimento histórico dos poderes produtivos para a reprodução da vida humana, não acarreta necessariamente o florescimento dos indivíduos. Seja porque não lhe são oferecidas as condições materiais para a efetivação da totalidade dos funcionamentos que se tornaram disponíveis, seja porque estes indivíduos não constituem personalidades humanas singulares, complexa e autênticas, capazes de exercerem seus funcionamentos em cooperação com outros humanos e conectados com outros seres da natureza.

Os processos naturais são submetidos aos impulsos da acumulação do capital, o que leva à ampliação das exigências impostas à natureza e, como

consequência, a degradação ecológica <sup>29</sup>. O capitalismo operou uma fratura metabólica entre os seres humanos e a natureza, em contradição com as *leis naturais* da vida <sup>37</sup>, violando as suas condições de sustentabilidade, por exaurir suas qualidades naturais.

A necessidade de manter a Terra para as gerações futura, dentro de uma organização comunal da propriedade do planeta, proposta por Marx, captura toda a essência da noção de desenvolvimento sustentável, entendido como aquele que *satisfaz as necessidades dos presentes sem comprometer a habilidade das gerações futuras para atingir suas necessidades* <sup>38</sup>. Para Marx, a propriedade privada de parte da Terra por indivíduos particulares parece tão absurda como a propriedade privada de seres humanos por outros.

Para Clark e Foster, Marx defendeu que *uma sociedade de produtores associados deve viver no âmbito do ‘metabolismo prescrito pelas leis naturais da própria vida’, a fim de assegurar as condições vitais de existência para as gerações presentes e futuras, ao mesmo tempo que possibilite aos ecossistemas manter sua própria reprodução e continuar provendo os serviços ecológicos que sustentam as várias formas de vida e enriquecem a natureza* <sup>39</sup>. Para esses autores, o “triângulo elementar da ecologia” deve ser: 1) o uso social da natureza e não como propriedade privada; 2) a regulação do metabolismo entre humanos e natureza pelos produtores associados; e 3) a satisfação das necessidades comunais, considerando as gerações presente e futuras <sup>40</sup>.

## **Considerações finais**

Pelo exposto, a “Bioética Global” parece mais uma “pinguela para o passado” do que uma “ponte para o futuro”. Num plano, ela pretende ser abrangente, por ampliar seu escopo de preocupações bioéticas para incorporar uma bioética médica e uma bioética ecológica, estabelecendo uma ponte entre ciências e valores, entre ser humano e natureza e entre saúde individual e saúde do ecossistema. Noutro plano, contudo, sua abrangência parece convergir para o reducionismo que se expressa no âmbito dos “fatos e em relação aos “valores”.

Em primeiro lugar, o gênero humano é reduzido como máquina cibernética bio-cultural, identificando-se os processos biológicos com os processos culturais. Elege-se a biocibernética como a ciência que deve

estabelecer a população humana ideal, quantitativamente e qualitativamente. A reprodução humana é pensada dentro dos limites impostos pelo ecossistema, em termos das leis naturais imanentes, não modificável no transcurso da história, em função do modo de apropriação da natureza vigente nas sociedades concretas.

Em segundo lugar, restringe-se o universo dos concernidos morais ao gênero humano, cujos interesses devem ser sobrepujar aos de outros seres vivos e da natureza em sua totalidade, em nome da sobrevivência humana, num ambiente que mantenha as condições de reprodução do capitalismo. Mesmo no universo dos seres humanos, os concernidos são implicitamente restringidos, com o foco na liberdade individual, expresso num credo de compromissos e ações pessoais.

A abordagem bioética defendida, por outro lado, pressupõe o gênero humano como um sistema bio-sócio-histórico – ser vivo natural, histórico e social –, que estabelece um metabolismo com a natureza, mediante o trabalho. Nesse processo, desenvolve suas capacidades e satisfaz suas necessidades, com a produção das condições indispensáveis à sua reprodução. Compreende-se que as relações entre os seres humanos dependem de suas relações com a natureza, configuradas em determinadas formas particulares de apropriação da natureza, em sociedade e momentos históricos específicos. Nas sociedades capitalistas, opera-se uma fratura metabólica nessas relações, num processo de exploração dos trabalhadores e do globo terrestre, em que a natureza é apreendida como mera coisa, utilizável no círculo da produção e distribuição das mercadorias.

Amplia-se a comunidade moral para incluir diferentes sistemas funcionais vivos, entre eles a espécie humana, vistos como um valor em si, não se estabelecendo uma hierarquia moral *a priori* entre esses sistemas. Cada um deles tem um determinado modo de vida que permite o exercício mais adequado dos seus funcionamentos constitutivos, que devem ser promovidos para permitir seu florescimento. Os conflitos que podem emergir devem ser resolvidos nos casos concretos, tendo em vistas os interesses em jogo.

## Referências

1. Almeida JLT. Schramm FR. Paradigm shift, metamorphosis of medical ethics, and the rise of bioethics. *Cad Saúde Pública*. 1999;15(supl 1):15-25.
2. Beauchamp TL. Childress JF. *Princípios de Ética Biomédica*. São Paulo: Edições Loyola; 2002.
3. Potter VR. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Edições Loyola; 2016.
4. Potter VR. *Global Bioethics: building on the Leopold legacy*. Michigan: Michigan State University Press; 1988.
5. Potter VR. 2016. *Op. cit.* p. 27.
6. Potter VR. 1988. *Op. cit.* p. 21.
7. Potter VR. 2016. *Op. cit.* p. 59.
8. Potter VR. 2016. *Op. cit.* p. 60.
9. Potter VR. 2016. *Op. cit.* p. 194.
10. Potter VR. 1988. *Op. cit.* p. 157.
11. Potter VR. 1988. *Op. cit.* p. 162
12. Potter VR. 2016. *Op. cit.* p. 162-63.
13. Singer P. *Libertação animal*. São Paulo: Martins Fontes; 2010.
14. Singer P. *Op. cit.* p. 348.
15. Foster JB. *Marx's ecology: materialism and nature*. New York: Monthly Review Press; 2000.
16. Marx K. *O capital (livro 1)*. São Paulo: Boitempo Editorial; 2013. p.704.
17. Osorio J. *Estado, biopoder, exclusion. Análisis desde la lógica del capital*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana; 2012. p.109.
18. Mészáros I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo; 2011.
19. Dias MC. Em defesa de um ponto de vista moral mais inclusivo. In: \_\_\_\_\_, organizador. *A perspectiva dos funcionamentos. Por uma abordagem mais inclusiva*. Rio de Janeiro: Pirilampo; 2015.

20. Dias MC. Op. cit.
21. Ribeiro CD. Justiça como *práxis*, funcionamentos humanos e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2018.
22. Márkus G. Marxism & anthropology. The concept of “human essence” in the philosophy of Marx. Australia: Modem-Verlag; 1988.
23. Fox JG. Marx, the body, and human nature. New York: Palgrave Macmillan; 2015.
24. Marx K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo; 2004.
25. Holt JP. Karl Marx’s philosophy of nature, action, and society. A new analysis. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing; 2009. p.38.
26. Marx K, Engels F. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo Editorial; 2012.
27. Foster JB. Op. cit. p. 163.
28. Foster JB. Op. cit. p. 158.
29. Clark B. Foster JB. A dialética do metabolismo social e ecológico: Marx, Meszáros e os limites absolutos do capital. In.: Jinkings, I. e Nobile R. (orgs.). István Mészáros e os desafios do tempo histórico. São Paulo: Boitempo; 2011.
30. Marx K. 2004. Op. cit. p. 107.
31. Foster JB. Op. cit. p.166.
32. Netto JP. Apresentação: Marx em Paris. In.: Marx, K. Cadernos de Paris & Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844. São Paulo: Expressão Popular; 2015. p. 95.
33. Mészáros I. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo Editorial; 2006. p.183.
34. Lukács G. Para uma ontologia do ser social II. São Paulo: Boitempo Editorial; 2013.
35. Marx K. Grundrisse. São Paulo / Rio de Janeiro: Boitempo Editorial / Editora UFRJ; 2011. p.333.

36. Chesnais F. Não só uma crise econômica e financeira, uma crise de civilização. In.: Jinkings, I. & Nobile R. (orgs.). István Mészáros e os desafios do tempo histórico. São Paulo: Boitempo; 2011. p.193.
37. Löwy M. Ecosocialismo: la alternativa radical a la catástrofe ecológica capitalista. Buenos Aires: Ediciones Herramienta y Editorial el Colectivo; 2011. p. 67.
38. Foster JB. Op. cit. p. 164.
39. Clark B. Foster JB. Op. cit. p. 126.
40. Clark B. Foster JB. Op. cit. p. 127.